

## Oswaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) em uma perspectiva internacional Oswaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) in an international perspective

Marinus Steven Hoogmoed

Museu Paraense Emílio Goeldi/MCT. Coordenação de Zoologia. Belém, Pará, Brasil

**Resumo:** O texto apresenta memórias pessoais de 45 anos de contato com o herpetólogo brasileiro Oswaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011), recentemente falecido. São mencionadas algumas discordâncias científicas sobre a sinonimização de *taxa*. É destacado o importante papel de Cunha como fundador dos estudos sobre répteis amazônicos no Brasil, assim como seu papel na organização de uma grande coleção herpetológica no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, Brasil.

**Palavras-chave:** Oswaldo Rodrigues da Cunha. Museu Paraense Emílio Goeldi. Coleção herpetológica. Herpetologia. Amazônia.

**Abstract:** Some personal memories of contacts with the recently deceased Brazilian herpetologist Oswaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) over a 45 year period are presented. Some scientific 'disagreement' about synonymisation of *taxa* is mentioned. The important role of Cunha as founder of studies on Amazonian reptiles in Brazil is highlighted, as well as his initiating the large herpetological collection of the Museu Paraense Emílio Goeldi, in Belém, Brazil.

**Keywords:** Oswaldo Rodrigues da Cunha. Museu Paraense Emílio Goeldi. Herpetological collection. Herpetology. Amazonia.

---

Como citar este artigo: HOOGMOED, Marinus S. Oswaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) em uma perspectiva internacional. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 233-237, jan.-abr. 2011.

Autor para correspondência: Marinus S. Hoogmoed. Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Zoologia. Av. Perimetral, 1901. Terra Firme. Belém, PA, Brasil. CEP 66077-830 (marinus@museu-goeldi.br).

Recebido em 30/03/2011

Aprovado em 04/04/2011



Em 1966, iniciei meus estudos sobre os lagartos do Suriname no Museu Nacional de História Natural, em Leiden, Holanda. A intenção era fazer um inventário completo desse grupo para aquele país, começando por um levantamento de fontes no "Zoological Record", uma revista internacional de referência abrangente, a fim de encontrar literatura sobre lagartos, primordialmente da região guianense e da Amazônia. Encontrei poucas referências, a maioria bem antigas, algumas 'recentes' de uns 30 anos atrás (de 1935). Destacaram-se dois trabalhos mais novos de um senhor brasileiro, Oswaldo Rodrigues da Cunha, que havia publicado sobre o gênero *Bachia* na Amazônia brasileira em 1958 (Cunha, 1958) e, em 1961, sobre os lagartos da Amazônia brasileira, com especial referência à coleção do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém (Cunha, 1961). Ambos os trabalhos foram publicados no "Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série Zoologia", ao qual tive acesso por meio da biblioteca do museu em Leiden.

Nesse período, não conhecia nenhuma palavra em português ou espanhol, mas graças a trabalhos de campo na Galícia, em 1964 e 1965, no noroeste da Espanha, conhecia algumas palavras galegas, bem parecidas com palavras portuguesas, e consegui compreender os títulos sem muito problema. Ler o texto foi um assunto completamente diferente. Consegui, com base nos nomes e sinônimos utilizados, entender do que se tratava, mas os detalhes do texto ficaram obscuros para mim. Só havia um Abstract muito limitado para ajudar os pobres estrangeiros que não falavam português! E eu fui um deles, claro.

Deve ter sido mais ou menos nesse período que escrevi a minha primeira carta a Oswaldo Cunha, pedindo separatas de suas publicações. Para os estudantes mais novos: isso foi no tempo arcaico, quando não havia computador, PDF e e-mail, e ainda fazíamos tudo em papel e por correio. Infelizmente, não tenho mais acesso a essa correspondência, que deve estar guardada (ao menos, é o que eu espero) no Museu de Leiden. Não lembro se Oswaldo me enviou as separatas ou não. O fato é que já

tenho esses artigos há muitos anos. É possível também que tenham resultado de minha primeira visita ao Museu Goeldi, quando Cunha me presenteou com todos os seus trabalhos herpetológicos até aquele momento.

Depois das primeiras publicações mencionadas acima, em 1967, foi publicado outro trabalho de Cunha, dessa vez uma revisão do gênero *Arthrosaura*, com distribuição das Guianas até o Equador, mas com poucas coletas até então (Cunha, 1967). Essa revisão foi interessante porque Cunha descreveu uma nova espécie, *Arthrosaura amapaense*, do Amapá, com desenhos de detalhes da região cloacal, caráter bem importante para a identificação. Para avaliar os dados e fazer uma comparação com o material do Suriname desse gênero, eu precisava ler essa descrição. Com a ajuda de um dicionário, pude ter uma ideia aproximada do que estava escrito e cheguei à conclusão de que se tratava de um sinônimo de *Arthrosaura reticulata versteegii* van Lidth de Jeude, 1904, do Suriname. O quarto trabalho de Cunha (1970) sobre lagartos da Amazônia tratava de um lagarto novo do Amapá: *Amapasaurus tetradactylus*. Sem entender exatamente os detalhes, parecia bem evidente que essa espécie não era parecida com nada do Suriname. Apenas em 2008 tive o prazer de coletar essa espécie no norte do Pará, em uma das expedições organizadas pelo Museu Goeldi no Projeto Calha Norte.

Em 1973, publiquei minha tese "Notes on the herpetofauna of Suriname IV. Lizards and amphisbaenians" (Hoogmoed, 1973), na qual sinonimizei *Arthrosaura amapaense* com *A. reticulata versteegii*, um ato que não encontrou simpatia por parte de Oswaldo Cunha, como percebi na minha primeira visita ao Museu Goeldi, em novembro de 1976. Nesse ano, tive a possibilidade de visitar três museus no Brasil: o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e, finalmente, o Museu Paraense Emílio Goeldi. Durante minha estada em Belém, fiquei instalado numa casa de hóspedes dentro do Parque Zoobotânico. O alojamento era simples, mas muito agradável, com noites tranquilas,

cutias passando na minha frente e nada de ladrões. Foi Osvaldo quem providenciou o alojamento. No primeiro dia de minha visita, Cunha me mostrou os tipos de *Arthrosaura amapaense* e tentou me convencer que era uma espécie válida, mas eu não pude concordar com ele. Passei uma semana em Belém estudando a coleção herpetológica. Em primeira instância, os anfíbios, mas essa parte da coleção não era muito grande. O material não era muito variado e o estado de conservação de muitos exemplares era ruim, com muitos espécimes ressecados (no momento, os anfíbios formam o maior grupo da coleção herpetológica, com material bem conservado). O material de lagartos e de serpentes era muito maior, em estado bem conservado e com muitas espécies que eram raras nas coleções do Suriname, aqui representadas por muitos exemplares. Eu tentei olhar algumas das serpentes, mas não consegui permissão de Osvaldo Cunha. A comunicação não foi fácil porque meu conhecimento de português era nulo, meu espanhol muito rudimentar e o inglês de Cunha era do mesmo nível que meu espanhol. Ainda assim, ficou claro que não podia estudar as cobras. Dois anos depois (em 1978), me foi revelado o porquê, quando foi publicado o livro de Cunha e Nascimento (1978) sobre as serpentes do leste do Pará. Esse livro constitui o primeiro trabalho abrangente desse grupo para a Amazônia e é a base para todos os estudos com cobras na região, até os dias de hoje.

Encontrei Osvaldo novamente em novembro de 1981, em São Paulo, durante o simpósio comemorativo dos 80 anos do Instituto Butantan. Nessa ocasião, me presenteou com o valioso livro "As cobras do leste do Pará" (Cunha e Nascimento, 1978), com a dedicatória "Para Dr. M. Hoogmoed, os autores". Claro que eu apreciei muito esse gesto.

Minha segunda visita ao Museu Goeldi foi em 1988, quando voltei a Belém como orientador de Teresa Avila-Pires, para fazer trabalho de campo em alguns lugares da Amazônia, pago por uma bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a Osvaldo Cunha. Nessa visita, o meu espanhol,

depois de alguns anos de trabalho de campo na Venezuela, no Equador e no Peru, estava melhor. A comunicação com Cunha em 'espanguês/portunhol' foi mais fácil, também contando com a ajuda de Teresa.

Durante essa visita, tivemos outra conversa sobre nomenclatura, dessa vez sobre o nome da serpente *Bothriopsis taeniatus* (Wagler, 1824). Cunha e Nascimento (1982, p. 29) chamaram a atenção para o fato de *Bothrops castelnaudi* Duméril, Bibron & Duméril, 1854, parecer ser idêntica a *Bothrops taeniatus* Wagler, 1824, concluindo que: "Se isso for correto e por força da lei de prioridade, *B. taeniatus* deveria ser revalidada como nome mais antigo". Essa conclusão estava correta, porém Cunha e Nascimento (1982) continuaram tratando a espécie sob o nome *Bothrops c. castelnaudi* e não utilizaram o nome mais antigo (*B. taeniatus*), que tinha prioridade. Hoogmoed e Gruber (1983, p. 337), mais ou menos ao mesmo tempo e independentemente, chegaram à mesma conclusão e, em sua publicação, utilizaram o nome *Bothrops taeniatus* para esse táxon amazônico. Em nosso texto, contudo, não fizemos referência ao trabalho de Cunha e Nascimento (1982), porque ainda não o havíamos lido ou porque não percebemos aquela observação, tendo em vista nosso português precário. Osvaldo Cunha me explicou extensivamente que Cunha e Nascimento (1982) tinham prioridade sobre essa conclusão. Eu só pude concordar com ele, que ainda assim se mostrou muito preocupado com a questão, receando que sua prioridade não fosse reconhecida internacionalmente. Expliquei a ele que, independentemente do tamanho, do idioma ou dos autores de um texto, a prioridade é estabelecida pela data de publicação. Portanto, a conclusão de futuros pesquisadores só poderia ser que Hoogmoed e Gruber (1983) falharam em não indicar que Cunha e Nascimento (1982) já haviam chegado à mesma conclusão sobre a identidade de *Bothrops taeniatus*, ainda que não tivessem oficialmente estabelecido a sinonímia.

Depois de 1988, visitei o Museu Goeldi regularmente e o contato com Osvaldo se aprofundou. No dia 22 de junho de 1992, ele me presenteou com o interessante livro "O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Uma

análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1793) pela Amazônia e Mato Grosso com a de outros naturalistas posteriores” (Cunha, 1991), com a dedicatória: “Ao caro colega e amigo Dr. Marinus Hoogmoed ofereço este livro com apreço para que conheça melhor o Brasil e a Amazônia em particular”. Praticamente um ano depois, no dia 2 de agosto de 1993, deu-me o livro “Talento e Atitude: Estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi. I” (Cunha, 1989), onde escreveu a dedicatória: “Com satisfação ofereço este livro ao Dr. Marinus Hoogmoed, um bom zoólogo que conhece a Amazônia”. Essas palavras mostram que Oswaldo Cunha percebeu certa evolução no meu conhecimento sobre a Amazônia, e eu considero essas dedicatórias como cumprimentos preciosos. Guardo com orgulho as publicações com dedicatórias, porque elas também refletem claramente certa evolução em nossa relação.

Depois que Oswaldo Cunha se aposentou, Teresa e eu o encontramos regularmente no Museu, às vezes em um *shopping center* (aonde ia quase todos os dias) e ainda em sua casa, na Travessa Rui Barbosa. Essas visitas eram uma aventura em si. Quase todo o espaço da casa era ocupado por livros e CD's, só o mínimo necessário para viver permanecia livre. Nos últimos anos, Oswaldo morava com sua sobrinha Ligia, em cuja casa continuamos a visitá-lo regularmente. Sempre nos surpreendia com histórias interessantes sobre o museu e os seus servidores.

Como estrangeiro, olhando para Oswaldo de fora e conhecendo a situação no Brasil, acho que a falta de comunicação internacional, por causa das limitações da língua e dos problemas de distribuição das revistas do Museu Goeldi em certas épocas, limitou muito a influência imediata dos trabalhos de Oswaldo Cunha nos Estados Unidos e na Europa. Infelizmente, fora do Brasil, a importância do trabalho de Oswaldo na Amazônia só foi percebida após alguns anos. Mas, felizmente, no Brasil, os trabalhos de Oswaldo e Francisco Nascimento foram bem apreciados desde o início e servem como estímulo para novos pesquisadores, que continuam os passos de Oswaldo.

É importante ressaltar que Oswaldo foi um pioneiro autodidata, que trabalhou em um museu fora da região sudeste do Brasil (onde tudo acontece e onde há mais dinheiro disponível), quase isolado no norte, em situação claramente desvantajosa nas condições adequadas para a pesquisa científica. Um museu onde, no momento em que Oswaldo Cunha entrou, não havia coleção herpetológica. O fato de o Museu Goeldi, hoje em dia, ter uma coleção herpetológica importante, de significação internacional, é devido primordialmente aos esforços de Oswaldo, feitos a partir de 1965. Também o fato de o núcleo de herpetólogos em Belém, no Museu e na Universidade Federal do Pará (UFPA), formar um grupo forte e saudável, com muitos estudantes, mestres e doutorandos, é resultado dos esforços pioneiros de Oswaldo.

Em minha opinião, Oswaldo Cunha precisa ser reconhecido como o fundador dos estudos de répteis na Amazônia brasileira. Todos nos beneficiamos de seu trabalho incansável de construir, junto com Francisco Nascimento, a coleção herpetológica do Museu Paraense Emílio Goeldi e de divulgar os resultados de suas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, O. R. **O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira**. Uma análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1793) pela Amazônia e Mato Grosso com a de outros naturalistas posteriores. Belém: MPEG, 1991.

CUNHA, O. R. **Talento e Atitude**: Estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi. I. Belém: MPEG, 1989.

CUNHA, O. R. Lacertílios da Amazônia. IV. Um novo gênero e espécie de lagarto do Território Federal do Amapá (Lacertilia: Teiidae). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série Zoologia**, n. 74, p. 1-8, 1970.

CUNHA, O. R. Lacertílios da Amazônia. III. O gênero “*Arthrosaura*” Boulenger, 1885. (Lacertilia, Teiidae). In: **Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica**, 5 (Zoologia). Rio de Janeiro: CNPq, 1967. p. 141-170.

CUNHA, O. R. II. Lacertílios da Amazônia. Os lagartos da Amazônia brasileira, com especial referência aos representados na coleção do Museu Goeldi. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série Zoologia**, n. 39, p. 1-189, 1961.



CUNHA, O. R. I. Lacertílios da Amazônia. Sobre a ocorrência do gênero *Bachia* Gray, 1845, na Amazônia brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série Zoologia**, n. 11, p. 1-12, 1958.

CUNHA, O. R.; NASCIMENTO, F. P. Ofídios da Amazônia. XIV. As espécies de *Micrurus*, *Bothrops*, *Lachesis* e *Crotalus* do sul do Pará e oeste do Maranhão, incluindo áreas de cerrado deste estado (Ophidia: Elapidae e Viperidae). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série Zoologia**, n. 112, p. 1-58, 1982.

CUNHA, O. R.; NASCIMENTO, F. P. Ofídios da Amazônia. X. As cobras da região leste do Pará. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 32, p. 1-218, 1978.

HOOGMOED, M. S. **Notes on the herpetofauna of Surinam IV**. The lizards and amphisbaenians of Surinam. The Hague: Dr. W. Junk, 1973.

HOOGMOED, M. S.; GRUBER, U. Spix and Wagler type specimens of reptiles and amphibians in the natural history museums of Munich (Germany) and Leiden (The Netherlands). **Spixiana**, Supplement 9, p. 319-415, 1983.